

COISAS QUE PASSAM E FICAM

Livro 124

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



QUEM SOU?

Algum dia me perguntaste como odeio
Como amo, como rio ou como choro,
Acaso conheces meus mortos?
Algum dia me olhaste sem preconceito
E me viste ator de minha história?
Como é minha mímica ou meu discurso?
Acaso sabes dos meus acertos e erros,
Por onde mais gozo,
ou por qual lugar do meu corpo minha alma sofre?

Será que já viste meus tempos e espaços
ou porque silencio ou muito falo?
E minhas esperanças, acaso sabes quais mantenho
Quantas morreram?
E os filhos que concebi,
se me preenchem ou decepcionam?
Que pedaços perdi, que amigos ganhei?
Que sabes do velho que quero ser
ou do jovem que fui?
Se tenho traumas ou lembranças, medos e esperanças?

Se algum dia disso souberes
Podes afirmar que me olhaste e que algo de mim viste.

NECESSITO SILÊNCIOS

Necessito silêncios que depositem a minhas tristezas, novas e antigas, decifradas, desconcertantemente incógnitas.



ENIGMÁTICO

Falando como o homem que posso vir a ser, ainda que enigmático. No momento me considero permanecido. Mantenho-me extraviado com a falta de alguma ação modificadora.

RECRIO

Recrio. Assopro metas de vida nas lembranças para não as esquecer totalmente. Junto sentidos dispersos, sem consciência, amontoados nos esquecimentos como pássaros ao nascedouro.



DIANTE

Diante do teu acanhamento, meu espírito bebe que na tua fonte amores sem a luz. Pelos recantos sedentos padecentes, carentes. Não me ocorre o que fazer com todas essas necessidades desatendidas com tantos desencontros que ora me visitam.

QUERO CONHECER

Quero conhecer todos os tremendos enganos, imprevistos. Os pequenos enganos notórios resultam de histórias de investimentos equivocados, populares estão nos catecismos, nas narrativas, nas versões, nos bairros, nas camas, nas paredes vermelhas e nos batons carmim, na palavra de ordem saída da boca de um imbecil, no gatilho da bomba de Hiroshima, na metralhadora que segue matando crianças palestinas, armênias, libanesas e curdas, africanas em geral. Estou cansado da indiferença dos que se calam.



DIMENSÕES

Em minha dimensão, a mais puramente humana, justifico de certo modo todos os fracassos, as ações possíveis e as outras, impossíveis. Essa humanidade que me remete ao mais visível lugar, exposto e ao que destaca a me encerra na quieta privacidade almejada.

NATUREZA VIVA

Oh! Natureza viva, dona das minhas emoções, me deixas sem saída, perplexo com tuas peripécias. Bem vindos vulcões fertilizadores, as águas caudalosas que animam os troncos, o ar que carrega os pássaros e os pólens, o fogo que derrete a solidão e aquece os corações.



POR GENTILEZA

Por gentileza, não ofereço resistência, examino os cenários, ensaio antever o futuro. Embora a vida me ilustre com o ensaio, não consigo muita utilidade no aprendido, já que a realidade teima em não se confirmar na prática. Este exercício reiterativo me prova que a verdade coage para que ao tentar adivinhá-la saibamos que ela não existe; nela jamais cabe uma missão cumprida, pois ela é uma metáfora, uma realidade paralela.

GUARDO UMA DESORDEM

Guiado por uma desordem, movido por instinto, alegre cada manhã, musico as noites, invento poesias passageiras para tornar o encontro mais livre e a declaração mais disfarçada.



FLUTUO

Flutuei minhas certezas nestes tempos incertos. Pus a vagar minhas urgências esquecendo do tempo e da meta. Certa confusão valorativa em relação aos métodos de convivência aproximou nossos desconcertos.

POR ALTERNATIVAS

Uma determinada consideração me tem levado por alternativas. Onde encontrar propósitos confiáveis para mantenham minhas contradições longe das traições e dos esvaziamentos por alienação? Sendo uma luta diária, a tentação de fazer da omissão uma obrigação pessoal, minha consciência me impulsa a não me acostumar ao império dos vazios.



EM TEMPOS CINZAS

Desculpa-me, não falo idiomas da globalização, minha tolerância esgotou-se de supérfluos, esgotada a lotação, só aceito corações sinceros, nada de arranjos mal arranjados, e se tiver que renascer que seja uma língua morta, um latim um aramaico, palavras que confirmem sentidos sem proliferar esquarteramentos corporais em tempos cinzas.

MELHOR SOBREVIVER

É melhor sobreviver com alguma dificuldade que piorar como um morto-vivo. É melhor a incoerência vivida que a perda da autonomia plena de razões alheias e ingredientes postiços. A vida feito uma luta de enfrentamentos, se reveste a competição, equipada de sentimentos servis, encaminha e é motor das convenientes aproximações como instrumento de manipulação. Pouco contribuem com a cultura dos humanos esses cegos em melhoras.



HAVERÁ UMA PALAVRA

Haverá uma palavra quando tudo valha pouco? Quando pelos cantos estarão atiradas as carências na iminência do surto, haverá um tempo de semear algum sentir recuperado? Ao menos um gesto, uma franqueza, um pão fresco, uma verdade mantida, alguma diferença no vazio com tanta coisa que valha pouco?

ENTRA NESTE AMOR

Entra neste amor, não invente espetáculo que te deixem de fora, com o mundo na mão muito poderá ser inventado, reinventado. Guardado dar o tom do encontro e a razão para o aplauso, haverá a saudade e se construirá uma especial lembrança.



UM MUNDO COM HUMANOS

Ao habitar um mundo com humanos me vejo cercado de humanidades, logo uma partilha oferece o melhor de si para um vazio, uma alegria estende um abraço à uma tristeza, uma solidão procura por uma companhia, um complemento se oferece para uma desatenção. Mentes coincidentes, almas perceptivas inadvertidamente marcam encontros como dádivas, uma coesão milenar que articula e defende a autonomia e a sobrevivência da espécie.

TODA FICÇÃO

Toda ficção leva os humanos para longe dos objetivos da cultura, ela, a ficção fala com aqueles que nada tem a nos devolver. Os enxertos não sabem sentir, a confusão mental entre o meu e o não-meu interfere na pergunta e na resposta, toda a vantagem de conversar consigo se perde nos desvios. A nossa abstração se choca com um equipamento estranho, que não dialoga. Essa disjunção ao não poder ser assimilada nos leva para longe de nós; então pensamos confusamente, não tendo sentido como um todo.



MINHAS DORES

As minhas dores são seletivas, elas doem em mim e em alguns pares, os meus sonhos circulam, buscam albergues acolhedores, a mão amiga que sabe quanto vale seu calor. E por falar nisso, quantos desperdícios!

EVITO SENTENÇAS

Vivo como a consciência me dita que o faça. Evito sentenças tampouco provoco vereditos. Evito os onipotentes que com tão pouco decidem tanto, respondem sem perguntar, definem resolvidos com a cara limpa e a pretensão de serem proprietários da verdade. Seus narizes só conhecem a posição vertical, acostumados à arrogância são surdos aos protestos, sempre terão pretextos, negativas e mentiras. Vivem com o espírito indisposto a ouvirem revisões, incrédulos se habituem à tentação de ser deus, convictos da sua eleição cultivam calos no coração e impunidades no erro. Julgam diferentes a ricos e pobres, sobram em consideração nas trocas de favores com aqueles que não se recusam a pagar por seus serviços. Inabaláveis com as dores dos humanos pouco acreditam na inocência.

COMPOR

Espero o instante de reunir os elementos e compor uma memória da ternura estampada. Vivo aos pedaços, invento lembranças. Tenho uma mania de romper o silêncio, evidenciando meu despreparo para incluí-lo como meu interesse. Surpreendo-me quando percebo que muitos dos meus erros nasceram desta desatenção.



LUGAR IGNORADO

Quando vejo o fundo do poço, seguro-me da melancolia, corto as partes que adulteram a minha paz interior. Declaro as agonias, arremesso as palavras, desando enredado em ciúmes, arrepios, intrigas. Animo o pior, desatino o caminho. Sou devorado pelo mau uso, misturo provisões e provações, até perder o fôlego, até não poder mais.

Parto para um lugar ignorado, levo comigo o segredo de comover-me.

CAOS E IMPUNIDADE

Busco uma alternativa que não seja conformista, uma resposta singular que me afaste da servidão, não aceito celebrar a ignorância que se alimenta da arte do vazio, das ficções, dos espetáculos animadores da dependência do consumismo. Esta existência me é estranha, renova as dores, os vazios, o futuro sombrio. A vida se torna pesada, um caos fundado na impunidade.



MESMAS CONVICÇÕES

Confirmado nas mesmas convicções de sempre, sigo o curso da vida, tento aceitar as instabilidades que mudam caminhos, desacertam rumos, indicam precárias saídas.

MINHA TRISTEZA

Posei minha tristeza na mesa com um livro aberto, as palavras aprisionadas em cada página traziam memórias de antigos vícios, de repente transitando para o presente na minha direção restos diluídos que ainda me fazem chorar, ressuscitam emoções abandonadas.



A VIDA ESPERA

A vida espera que mais do que bom, sejamos defensores da bondade, onde se faça necessário que a divulguemos.

PAISAGENS EVITADAS

Caminho pelo Leblon e Ipanema, a riqueza oculta a paisagem da população que bebe água contaminada a 5 quilômetros dali. A ordem paisagística disfarça a imagem que tenho ao chegar em Vigário Geral na escola municipal República do Líbano onde 532 adolescentes recebem ajuda de dedicados professores para resgatar alguma humanidade perdida no descrédito da falta total de oportunidades. Não ter horizontes é o início de um caos.



MISTERIOSA PORTA

Lembro-me da porta que guardava misteriosamente surpresas nunca esclarecidas. Se eram virtudes ou defeitos ficaram perdidos no tempo, vítimas inocentes do esquecimento. Tanto poderiam ser ciúmes infundados como fantasias eróticas, intrigas provocativas ou desperdiçadas declarações de amor. O silêncio nivelou tudo o que foi ocultado sem renovação.

PLANO PARA SAIR DO PLANO

Fiz um acordo com o passado. Nele estava implícito que, dentro do possível, ficaria à disposição da minha memória, para uso em caso de emergência, sensibilidades transbordantes, indomáveis medos, preocupantes soberbias e esperança fraturada.

Já com o futuro está sendo difícil definir algo, a fala de compostura, de ética, de unidade racional. Todos os tapetes mágicos estacionados, princesas feministas, ditadura da guilhotina proibindo o vento de voar, os humanos de humanizar-se, a estratégia do medo demitindo os cuidados, muros proibindo serenatas.

Roberto Curi Hallal

